

Os empresários estão dispostos a colaborar

Todos os setores da economia, inclusive os considerados vilões da escalada da inflação, estão dispostos novamente a colaborar com o governo para que não se concretize a expectativa de 40% em outubro. Nos encontros setoriais com o ministro Mailson, os empresários dirão que estão dispostos a mais uma dose de sacrifício. O presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, Mário Amato, não acredita em congelamento de preços e salários, e teme que a "central de boatos que está espalhando essas idéias" provoque distúrbios ainda maiores na economia.

Amato vai se reunir com o ministro da Fazenda na próxima quinta-feira, na sede da Fiesp, onde Mailson fará uma palestra para os dirigentes das empresas multinacionais. "Estarei ali mais para ouvir do que para falar", disse o presidente da Fiesp. "Espero que esses novos encontros setoriais sejam tão positivos quanto os anteriores.

Para o presidente da Fiesp, não há risco de hiperinflação porque a expansão monetária está controlada, o governo ainda consegue colocar seus títulos, não há desemprego, os reajustes salariais estão sendo concedidos e a diferença entre o dólar oficial e o câmbio paralelo não é tão grande. Há isto sim, na opinião de Amato, uma crise de pessimismo no país. "As coisas não andam boas, mas não há motivo para entrar em pânico". Ele acredita que o comércio é o maior culpado pela disparada da inflação de setembro. "Cada vez que se fala em congelamento todos querem remarcar preços, e o comércio é o mais sensível a esses boatos".

Abram Szajman, presidente da Federação do Comércio do Estado de São Paulo se defende dizendo que o comércio não produz nada, e se repassa alguma coisa é fruto do custo que tem com as compras do setor industrial. Ele

reconhece, no entanto, que houve "alguns exageros de todos", e que nem o comércio está isento de abusos. "Vamos para a reunião com o ministro mostrar o que ele já sabe, isto é, que quem antecede nossos preços são os custos repassados pela indústria."

Na opinião de Abram Szajman, se todo mundo exagerou é hora agora de todos colaborarem com o governo e com o País. "O Brasil é um avião que precisa continuar planando com o sacrifício de todos. Estamos numa situação de economia crescente, o setor privado está capitalizado e dá para conter um pouco a volúpia".

A indústria da alimentação é outro segmento que se reúne com o ministro da Fazenda a partir de hoje e é sempre apontada como uma das principais culpadas pela escalada inflacionária. O presidente da Associação Brasileira das Indústrias da Alimentação, Edmundo Klotz, argumenta que enquanto a inflação passada foi de 35,9%, o setor de alimentação teve uma alta de 28,5% em setembro, um ponto positivo já que o item pesa 1/3 no cálculo do índice da inflação mensal. Para Klotz, a idéia das reuniões setoriais são interessantes na medida em que podem ser a retomada de um pacto entre governo e empresários para tirar o País da ameaça da hiperinflação e da recessão.

A fixação de um patamar máximo de reajustes de preços e tarifas públicas, pode ser uma medida razoável na opinião do empresário desde que cumpra as leis de mercado, com os ajustes necessários nos setores industriais defasados. Edmundo Klotz concorda com Mário Amato sobre o alarmismo que toma conta do País, enquanto a economia está andando e há condições de se evitar o pior. "Existe especulação de alguns setores, mas não há generalização e nem motivo para pânico."

Joaquinzão também é presidente da CGT

A Confederação Geral dos Trabalhadores (CGT) tem agora dois presidentes. Ontem, em Belo Horizonte, no II Congresso da entidade, Joaquim dos Santos Andrade, o Joaquinzão, foi reeleito presidente, pelo voto de cerca de 500

representantes de sindicatos filiados. Em abril, em um congresso realizado na Praia Grande (SP), sob um clima de violência, Antônio Rogério Magri foi eleito presidente da CGT. Resta saber quem é que vai presidir a entidade.